

COIMBRA • 2018

63

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

UMA CIDADE FASCINANTE, MAS VIOLENTA. A DESCRIÇÃO DE ALEXANDRIA NA *EXPOSITIO TOTIUS MUNDI ET GENTIUM*

A FASCINATING BUT VIOLENT CITY: THE DESCRIPTION OF ALEXANDRIA IN THE *EXPOSITIO TOTIUS MUNDI ET GENTIUM*

PAULA BARATA DIAS

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

pabadias@hotmail.com

ORCID.ORG/0000-0002-4730-914X

47

ARTIGO RECEBIDO A 04/01/2018 E APROVADO A 13/03/2018.

Resumo: Neste artigo, apresenta-se a tradução e o comentário da descrição de Alexandria na obra anónima *Expositio Totius Mundi et Gentium*. Texto relevante para o estudo da economia, da política e da sociedade do Império romano da Antiguidade Tardia, nele Alexandria surge caracterizada como uma cidade próspera e rica, fornecedora de provisões alimentares e de recursos exclusivos como o papiro, uma cidade de ciências e de homens sábios, uma cidade piedosa para com os deuses plurais aí cultuados. Apesar disso, uma cidade incompreensível, pois os Alexandrinos tendem à rebelião e ao conflito contra as autoridades legítimas. O nosso objetivo é, com a análise do texto e com o cotejo dos outros testemunhos relativos ao Egito no séc. IV, apontar

novos dados quanto à datação da composição do texto, esclarecendo as referências históricas nele aludidas.

Palavras-chave: *Expositio Totius Mundi et Gentium*; Alexandria; Antiguidade Tardia; alimentação; Egito Romano; Constâncio II; Juliano.

Abstract: In this article, we present the Portuguese version and commentary of the description of Alexandria in the anonymous work *Expositio Totius Mundi et Gentium*. This is a relevant text for the study of the economy, politics and society of the Late Roman Empire, and here Alexandria appears characterized as a prosperous and rich city, providing food supplies and exclusive resources like the papyrus, a city of sciences and intellectual men, a pious city to the plural gods there worshiped. Nevertheless, it is an incomprehensible city, because Alexandrine people tend to the rebellion and conflict against legal authorities. Our objective is, with the analysis of the text and comparing it with other historical sources about Late Roman Egypt, to point out new data regarding the date of composition of the text, clarifying the historical references therein mentioned.

Keywords: *Expositio totius Mundi et Gentium*; Alexandria; Late Antiquity; food; Roman Egypt; Constantius II; Julian.

A obra anónima em Latim conhecida como *Expositio Totius Mundi et Gentium*, título retirado do *explicit* que remataria o ms. hoje desaparecido, é de conhecimento relativamente recente: foi descoberta por François Juret apenas no séc. XVII, tendo sido editada por Jacques Godefroy em 1628. No séc. XIX, Angelo Mai editou uma versão breve, a *Descriptio Totius Mundi et Gentium*, a partir de um ms. do mosteiro beneditino de Cava, perto de Nápoles, tendo, depois disso, sido descobertas outras cópias da versão breve¹. Godefroy avançou imediatamente a tese, hoje

¹ Woodman J.E. 1964.

consensual, de se tratar de uma tradução de um original grego, mais extenso, desconhecido, tendo editada uma versão bilingue. A obra foi integrada na edição de Müller (1861) dos *Geographi Graeci Minores*, tendo este corrigido o Latim de Godefroy e efetuado importantes observações sobre a língua, o estilo e o espaço².

A questão filológica relativa a este texto resume-se, pois, em poucas palavras: autor e data de composição incertos, havendo notícia de um ms. em Latim editado por Godefroy, entretanto desaparecido, com características internas suscetíveis de o classificar como uma tradução de um original grego, desconhecido, que teria sido rapidamente alvo de uma epítome, a *Descriptio*, de que se conhecem vários mss. No início do séc. XX, novas investigações aclararam o texto, suas características, seu contexto e seus propósitos, de que se destaca A. Klotz, A. Mercati e A. Romano, Vassiliev³. Mais recentemente, Marasco, Marteli e Grüll pronunciaram-se sobre a autoria, natureza e valor da obra para o conhecimento da sociedade e da economia da Antiguidade Tardia.

Integra a obra a muito genérica tipologia de textos de “Geografia”, termo que etimologicamente significa “descrição da terra”, como o título da edição de Müller interpreta. Apresenta também pontos de contacto com os périplos (à letra, “circum-navegação”, do Grego περιπλοῦς), dedicados à informação sobre as cidades costeiras e portos úteis para a navegação; com os itinerários, mapas contendo dados sobre os caminhos, as cidades e as distâncias, e mesmo com relatos de viagens na primeira pessoa⁴. Temos uma apresentação dinâmica de um espaço percorrido

49

² “Anonimis Orbis Descriptio” in Müller C. 1861 GGM II: 515-528. Riese A. 1878: 104-126; Lumbroso G. 1903); Sinko th. 1904.

³ Klotz, A. 1906: 97-127; Klotz A. 1910: 606-616. Mercati A. 1911: 160. Vassiliev A. 1936: 1-39.

⁴ Damos alguns exemplos: o *Périplo* de Hanão, o cartaginês; a *Ora Maritima* de Avieno, que preservou testemunho do *Périplo* de Marselha; o *Périplo* de Marciano de Heracleia; o *Itinerário* de Antonino e a *Tabula Peutingeriana*; o relato *De Reditu Suo* de Rutilio Namaciano. A peregrinação de uma dama hispânica à Terra Santa, a *Peregrinatio Aegeriae*, inaugurará o sucesso desta tipologia na literatura cristã e na Idade Média Latina.

seguindo uma rota, previamente delineada, com o propósito de dar a conhecer uma experiência, ou de divulgar alguns lugares destacados segundo uma ordem diversa de critérios⁵. Muitas vezes são relatos com interesse óbvio, ainda que relativo, para a geografia enquanto ciência propriamente dita, uma vez que os lugares e as características que sobre eles se destacam são condicionados a um interesse específico. Teremos de destacar o caráter pioneiro do poema grego *Hedypatheia*, “O Mundo de Delícias”, do séc. IV a.C. de Arquêstrato de Gela, texto que conhecemos pelos seus excertos incluídos nos *Deipnosophistae* “Sábios à Mesa” de Ateneu de Náucrates, como um exemplo próximo da *Expositio*⁶: dar a conhecer os lugares em que se come bem, em particular bom peixe. Sinko, em 1904, deu à obra uma classificação que ainda hoje colhe aprovação: *Handelsgeographie*, ou seja, uma obra de “geografia comercial”. Interessa ao autor a *oikoumene*, o mundo civilizado e atingido pelos interesses comerciais e políticos de Roma, destacando de todas as cidades o que elas podem exportar comercialmente, ou, como ele diz, o que “oferecem ao mundo”. Paralelamente, vai referindo um ou outro aspeto acerca da arquitetura, da dimensão, dos monumentos, do caráter das suas gentes, em suma, daquilo que a caracteriza enquanto parte integrante de uma comunidade de interesses e de serviços. Esta diversidade de informação é preciosa para o estudo da economia, do comércio, da sociedade e da política do séc. IV romano.

Quanto à autoria da obra, ela teria sido escrita por um cidadão romano da parte oriental do Império, mercador ou com interesses no

⁵ Servimo-nos da edição e comentários de Rougé J. 1966 ed. crit., intr., trad. et comm. Nas pp. 135-137, a bibliografia de referência. Acrescenta-se à edição e ao excelente estudo de Rougé, a tese de Woodman J. E. 1964; Marasco, G. 1996:183-203; Martelli F. 1982. Mittag P. F. 2006:338-351. Grüll, T. 2014: 629-641.

⁶ O texto de Arquêstrato de Gela foi recentemente colocado à disposição do público em Português, pela tradução de Soares, C. 2016, Iguarias do Mundo Grego. Guia Gastronómico do Mediterrâneo Antigo, IUC, disponível em acesso livre: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39608/8/Arquestrato.preview.pdf>.

comércio. O seu conhecimento da *Pars Orientis* é superior ao da *Pars Occidentis*, descrevendo quarenta e sete cidades orientais para apenas vinte e cinco da parte ocidental. Tendo sido apontadas como pátrias possíveis Alexandria ou Antioquia, a descrição afetuosa que ele faz da cidade de *Flavia Neapolis*, a atual Nablous na Palestina, o detalhe com que descreve a região e os portos sírio-palestinos, assim como a hipótese estudada de se tratar de um falante materno de siríaco em uso do grego *koinê*, língua universal do comércio, favorecem a autoria de alguém com origem na Ásia romana.

Quanto à época da sua composição, não sendo o texto preciso, fornece pistas que o permitem apontar como uma obra composta nos anos finais do poder de Constâncio II, entre Novembro de 355 e Fevereiro de 360. Assim, no cap. 23, quando descreve Antioquia, afirma que aí “reside o Senhor do Mundo”; no cap. 28 afirma que “o senhor do mundo, o imperador Constâncio” (337-361), construiu um porto na Selêucia. Ou seja, para o autor da *Expositio*, Constâncio II é o Augusto. Mas, no cap. 58, refere que “a Gália tem um imperador para si, devido ao seu tamanho”. Ora, o único momento em que a Gália teve um imperador que não fosse um usurpador do imperador único, o *Dominus orbium*, corresponde ao período histórico em que Juliano, primo de Constâncio, foi elevado a César em Milão, a 6 de novembro de 355. Já em fevereiro de 360, em Lutécia, o mesmo Juliano usurpa o título de Augusto, altura em que entra em conflito com o seu primo, Constâncio, que empreende a marcha para Ocidente para resolver a crise, morrendo exausto em Mopsuéstia, na atual Turquia, em fins de 361. Seguir-se-ão, portanto, os dois breves e intensos anos em que Juliano o Apóstata é o senhor único

51

⁷ 23 *Vbi et dominus orbis terrarum sedet*; De novo 32 *quoniam ibi imperator sedet*; 28 *Dominus orbis terrarum, imperator Constantius*; 58 *Gallia prouincia quae, cum maxima sit et imperatorem semper egeat, hunc ex se habet*. Cf. Amiano Marcelino, *Res Gestae* 16, 8: Juliano, sobrinho de Constâncio II é investido da dignidade de César, sucedendo ao seu irmão Galo. 20, 4; 8: Juliano é aclamado Augusto pelas suas tropas, em Paris, e informa Constâncio, no Oriente, do facto. 16, 9, 2: Constâncio II exige que Juliano retorne à dignidade de César. 21, 15: morte de Constâncio II em Mopsuéstia.

de Roma. Ou seja, o período temporal de coexistência entre o Augusto Constâncio II e um César na parte ocidental do Império situa-se nestes últimos 5 anos da década de 50.

Trazemos a descrição de Alexandria como ilustração das qualidades desta obra enquanto testemunho da vida urbana, económica, social e cultural do Império romano da Antiguidade Tardia; como um documento específico para o estudo das fontes da alimentação no mundo romano tardio, mas também como uma voz preciosa para confirmar a opinião corrente acerca desta grande cidade do império em meados do séc. IV: assim, para um observador comum e de espírito generalista como é o Autor da *Expositio*, Alexandria tem tanto de riquezas e de valor como de potencial instabilidade política. Apresentamos o texto latino e uma proposta de tradução em Português, após a qual procederemos à sua análise.

Texto Latino

XXXIV. Habes ergo de laeua parte Syriae et Aegypti et Alexandriae et totius Thebaidis partes, quas describere necessarium est. Habes ergo omnem Aegypti regionem coronatam fluuio qui sic uocatur Nilus, qui ueniens rigat omnem faciem terrae, et fructum fert omnem, sine oleo: triticum autem, hordeum, legumen et uinum abundanter: uiros similiter nobiles, deos colentes eminenter: nusquam enim deorum mysteria sic perficitur quomodo ibi ab antiquo et usque modo, et paene ipsa orbi terrarum tradidit deos colere. Dicunt autem Chaldeos melius colere, tamen quos uidimus miramur et in omnibus primos esse dicimus. Etenim ibi deos habitasse aut et habitare scimus. Aliqui autem et litteras ab eis inuentas esse dicunt, alii autem a Chaldeis, alii autem a Punicis, quidam autem Mercurium inuentorum esse litterarum uolunt; et multis multa dicentibus, nemo uerum scit nec credi potest. Tamen uiros sapientes prae omnem mundum Aegyptus abundat. In metropoli enim eius Alexandria omnem gentem inuenies philosophorum et

omnem doctrinam. Itaque aliquando certamine facto Aegyptiorum et Graecorum, quis eorum Musium accipiat, argutiores et perfectiores inuenti Aegyptii et uicerunt, et Musium ad eos iudicatum est. Et impossibile est in quacumque re inuenire uolueris sapientem quomodo Aegyptium; et ideo omnes philosophi et qui sapientiam litterarum scientes ibi semper morati sunt, meliores fuerunt: non enim est ad eos ulla impostura, sed singuli eorum quod pollicentur certe sciunt, propter quod non omnes omnium, sed quisque sua per suam disciplinam ornans perfecit negotia.

XXXV Alexandria autem ciuitas est ualde maxima et eminent in dispositione et abundans omnibus bonis et escis diues: piscium enim tria genera manducat, quod altera prouincia non habet, fluminale et stagnense et marinum. Omnes autem species aut aromatibus aut aliquibus negotiis barbaricis in ea abundant: supra caput enim habens Thebaidis Indorum genus et accipiens omnia praestat omnibus. Et dii coluntur eminenter et templum Serapis ibi est, unum et solum spectaculum nouum in omni mundo: nusquam enim terra aut aedificium tale aut dispositio templi talis aut religio talis inuenitur; undique autem Musium ei reddi uideatur.

XXXVI Possidet cum omnibus quibus habet bonis et unam rem, quae nusquam nisi in Alexandria et in eius regione fit, sine cuius neque iudicia neque priuata negotia regi possunt, sed paene per ipsam rem omnis hominum natura stare uidetur. Et quid est quod sic a nobis laudatur? Chartas quas ipsa faciens et omni mundo emittens utilem speciem omnibus ostendit; sola hoc supra omnes ciuitatesque et prouincias possidens, sed sine inuidia praestans suorum bonorum. Et Nili autem bonitatem supra omnem prouinciam, qui Nilus fluius aestatis hora descendens rigat omnem terram et ad seminationem parat, quem seminati habitantes magna benedictione implentur: ad eos enim una mensura centum et centum uiginti mensuras facit; et sic per singulum annum terra redens, et aliis prouinciis utilis est. Constantinopolis enim Thraciae ab ea quam

plurime pascitur; similiter et orientales partes, maxime propter exercitum imperatoris et bellum Persarum: propterea non posse aliam prouinciam sufficere nisi diuinam Aegyptum. Quem et nominans a diis plus esse puto, ubi deos, uti praediximus, colentes bene historias maxime eis offerunt. Et sunt sacra omnia templa omnibus ornata; aeditimi enim et sacerdotes et ministri et aruspices et adoratores et diuini optimi abundant; et fit omnia ordine: aras itaque inuenies sempre igne splendentes et sacrificiorum et ture plenas, uittas simul et turibula plena aromatibus diuinum odorem spirantia inuenies.

XXXVII. Iam et ciuitatem iudicibus bene regentem inuenies; in contemptum se facile mouet solus populus Alexandriae: iudices enim in illa ciuitate cum timore et tremore intrant, populi iustitiam timentes; ad eos enim ignis et lapidum emissio ad peccantes iudices non tardat. Et est in omnibus ciuitas et regio incomprehensibilis. Et totius orbis terrae paene de ueritate philosophiae ipsa sola abundat, in qua inuenitur plurima genera philosophorum. Itaque et Aesculapius dare ei uoluit medicinae peritiam et ut habeat: in toto mundo medicos optimos praestare dignatus est, et quam de plurime initium salutis omnibus illa ciuitas constat. Et aeres uero habet ualde temperatos. Et haec quidem de praedicta regione quoque et ciuitate ex parte, non enim omnia scribere possibile est.

54

Tradução

34. Portanto, tu tens à esquerda da Síria as regiões do Egito, Alexandria e toda a Tebaida, que devem ser descritas: tens, pois, todo o Egito que coroa o rio chamado Nilo, e cujo caudal irriga toda a superfície do país e lhe traz todas as culturas, menos o azeite: ou seja, o trigo, a cevada, legumes e vinho em abundância. Homens nobres, igualmente, que se distinguem no culto aos deuses: em lado nenhum, de facto, os mistérios dos deuses são celebrados como aí desde a antiguidade e até hoje, e foi este país, quase por inteiro, a divulgar por todo o mundo

civilizado o culto dos deuses. Dizem, é certo, que os Caldeus são melhores a prestar culto, mas maravilharmo-nos com os que vimos e em tudo dizemos que eles são os primeiros. Sabemos assim que os deuses aí habitaram, e mesmo que aí habitam ainda.

Alguns dizem também que a escrita foi inventada por eles, outros pelos Caldeus, outros pelos Fenícios, e uns pretendem também que Mercúrio foi o inventor das letras: face a tantas e diversas opiniões, na verdade ninguém sabe nem pode fazer fé.

Mas é um facto que o Egito abunda de homens sábios, mais do que todo o mundo. Encontrarás na sua capital, Alexandria, toda a espécie de filósofos e todas as doutrinas. E por isso, quando a certa altura se fez um concurso entre os Egípcios e os Gregos sobre quem deles receberia o Museu, os Egípcios foram considerados mais inteligentes e mais completos, eles venceram, e o Museu foi-lhes atribuído. É impossível, em qualquer coisa que tu queiras, encontrar alguém mais sábio do que um Egípcio; e por isso todos os filósofos e sábios das letras que foram os melhores sempre aí moraram: não se lhes pode atribuir qualquer falsidade, ao invés, cada um deles sabe bem o que ensina, porque todos não sabem de todas as coisas, mas cada um cumpre as suas tarefas dentro da ciência de que é especialista.

35. Alexandria é de facto uma cidade enorme, destacada pelo seu planeamento e abundante em todos os bens e rica em alimentos: aí se comem os três tipos de peixes, o que não ocorre em mais nenhuma província: fluviais, lacustres e marinhos. Também aí abundam todos os produtos, sejam os aromas sejam outros bens de origem bárbara: tendo, de facto, para além do limite da Tebaida, o povo das Índias, tudo o que recebe o exporta para todas as regiões. Os deuses também aí são adorados de modo notável, o templo de Serápis aí se encontra, único e ele só um espetáculo novo em todo o mundo: é que em nenhum outro lugar da terra se encontra um tal edifício, nem uma tal disposição de um santuário, ou tamanha devoção; e por todo o lado se sabe que o Museu aí está exposto.

36. Ela possui, além de todos os bens que tem, um produto único que não se encontra noutra lugar que não em Alexandria e na sua região no seu país, sem o qual não se pode gerir nenhum negócio, nem os públicos nem os privados, e que parece que quase só apenas por ele toda a vida dos homens se mantém em ordem. E que bem é este por nós assim louvado? O papiro, que ela fabrica e que, enviando-o para todo o mundo, a todos disponibiliza esta útil espécie; ela é a única de todas as cidades e províncias que o possui, mas sem inveja cede os seus bens. E do Nilo também a generosidade, mais do que toda a restante província, este rio Nilo que, correndo, na estação do Verão, irriga toda a terra e propicia a sementeira. Uma vez semeada esta, enche os habitantes de uma grande bênção: assim, para eles, uma medida rende cem a cento e vinte medidas; e como para cada ano a terra dá assim, tal é útil para as outras províncias. Constantinopla, na Trácia é desse modo quase em absoluto abastecida; do mesmo modo as províncias orientais, principalmente por causa do exército imperial e da guerra contra os Persas, porque nenhuma outra província que não o divino Egito consegue suprir as necessidades. Julgo também que, ao dar-lhe nomeada, tal se deve aos deuses, porque, tal como em cima defendemos, quando lhes prestam culto lhes oferecem sobretudo narrativas em voz alta⁸. E assim todos os santuários e templos estão providos de tudo o que é preciso; porteiros, sacerdotes, ministros do culto, arúspices, adoradores e ótimos adivinhos; e tudo decorre com toda a ordem: assim aí encontrarás altares acesos sempre com o lume dos sacrifícios e cheios de incenso, faixas e turíbulos carregados de aromas que exalam um odor divino.

37. Encontrarás enfim também uma cidade que se impõe com pulso forte aos seus administradores; como o povo de Alexandria facilmente

⁸ No original *historias*, termo de difícil tradução neste contexto, que escolhemos desdobrar. A nossa interpretação é a de que o culto aos deuses se apoia na sabedoria e no património cultural escrito dos egípcios, como se disse antes (*sic*). Isto é, o culto aos deuses faz-se, sobretudo, pela revivência em voz alta das narrativas míticas, as 'histórias dos deuses'.

se insurge em rebelião, os administradores entram naquela cidade com temor e com tremor⁹, com medo da justiça popular; com eles, de facto, não demora o arremesso de tochas e de pedras contra os administradores que cometem falhas. E em tudo são uma cidade e uma região difícil de compreender. Quase só ela, de todas as regiões civilizadas da terra, abunda com a verdade da ciência, e nela se encontram filósofos de muitas variedades de disciplinas. E por isso também Esculápio quis que ela tivesse a arte da medicina e lha quis dar: dignou-se a enviar médicos excelentes para todo o mundo e aquela cidade ficou ao máximo conhecida como a origem da saúde para todos os homens. Possui, além do mais, um clima temperado. E estas coisas são, em parte, o que se pode dizer desta cidade e desta região, porque não é possível escrever tudo.

Comentário

Em primeiro lugar, ateste-se a diversidade de aspetos e a pouca ordenação interna dos argumentos evocados pelo autor na descrição da cidade de Alexandria. Num discurso circular e recorrente, ele transfere o olhar geográfico para o interesse pelos recursos naturais, agrícolas e económicos de Alexandria, daí para a sua caracterização religiosa e para o seu estatuto como cidade de cultura e do conhecimento, sem grande preocupação em separar o eixo económico, o religioso e o cultural, mas permitindo ao leitor identificá-los. Sobressai, podemos dizê-lo, um olhar atento à singularidade das suas gentes: homens nobres, sábios, piedosos, e, no entanto, irascíveis. Agrupemos deste modo a informação fornecida:

⁹ Woodman identifica neste complemento de modo em aliteração a interferência de Paulo, Fil. 2,12, mencionando um “vago” contacto com o cristianismo. Estamos no séc. IV e tanto Paulo como a *Expositio* são textos traduzidos de originais gregos, pelo que, a haver contacto intencional este deve ser previsto no tradutor latino da *Expositio*. Assim, não nos parece estranho que este dito em aliteração fizesse parte do idiolecto do falante latino numa época de forte cristianização do quotidiano linguístico, e o seu uso apareça descontextualizado do referente original.

1. A cidade de Alexandria é uma potência agrícola

Localizada no Egito, o Nilo proporciona a este abençoado país uma fertilidade incomum. Tudo se produz: trigo, cevada, legumes e vinho. Para um romano, a esta base do sustento alimentar do império, só falta o azeite, que o Egito não produz. No início do cap. 35, é retomada a excelência agrícola de Alexandria, proporcionada pela sua localização geográfica: rica e abundante em alimentos, oferece também peixe, procedente do mar, do rio e do lago (ou seja, o delta pantanoso do Nilo). E a fertilidade do solo egípcio é retomada no cap. 36: o rio Nilo, que transborda no Verão, proporciona culturas de regadio com uma produtividade de 100 a 120 %. Mas o Egito não é só benéfico pela quantidade da produção, também o é pela previsibilidade e a segurança da obtenção de uma grande quantidade de recursos para os mercados que exigem esse débito fluente.

Indicam-se os destinatários privilegiados deste precioso fornecedor de alimentos que é o Egito: Constantinopla, a grande urbe sede do poder imperial fundada por Constantino e, juntamente com Alexandria, a maior concentração urbana do mundo romano da Antiguidade Tardia; o exército romano, em combate contra a ameaça persa, garante nos mercados do Egito a estabilidade de recursos que uma campanha militar consome. Não escapa ao autor o papel de Alexandria enquanto porto receptor e entreposto emissor para todo o Império dos produtos orientais, falando especificamente dos “aromas de origem bárbara” vindos das Índias, termo que aqui é usado para indicar genericamente o Leste e o Sul da Ásia, península arábica e as terras mais distantes do Oriente da Rota da Seda e das especiarias¹⁰.

¹⁰ Encontramos em Amiano Marcelino, *Res Gestae* 19,4, um relevante testemunho acerca da dependência do Império do Ocidente em relação às provisões do Oriente. Quando este se estabiliza por fatores políticos e militares, Roma sofre pela falta de abastecimentos. Este autor também descreve (*Res Gestae* 18,4) os agitados anos de conflito militar entre Constâncio II e Sapor, do Império persa, geradores de grandes movimentações militares romanas na Ásia. Não é, por isso, estranho que a *Expositio*

2. Alexandria é também uma capital do comércio de “tecnologia”

Lá se concentram o fabrico e a exportação de um recurso único e específico, que o Egito difunde para todas as outras cidades e províncias: o papiro (cap. 36 *chartas*), de máxima utilidade e sem o qual não se podem fazer negócios, nem públicos nem privados, e que sustenta o equilíbrio da vida civilizada em todos os aspetos. O autor destaca Alexandria como fornecedora exclusiva de um bem essencial às organizações humanas complexas, fundadas na estabilidade dos documentos escritos, vitais para a comunicação, para a firmeza dos negócios e dos contratos, para a memória das civilizações. Chamemos-lhe tecnologia sem qualquer hesitação, pois o que é descrito é um produto construído pelo homem de modo a suportar necessidades complexas, relacionadas com a comunicação e troca de informação, a ordem política, económica, jurídica e científica. Também no cap. 35 o autor pronuncia-se sobre a origem da escrita, veiculando as opiniões correntes: esta teria sido inventada pelos Caldeus (i.e. Mesopotâmia), pelos Fenícios, ou pelos Egípcios, embora outros digam que coube ao deus Mercúrio a sua invenção. A questão da origem é desvalorizada pelo autor, mas é evidente que ele dá conta de uma perceção popular da altura que hoje a ciência confirma: coube às civilizações dos grandes rios, Mesopotâmia e Egito, o avanço na utilização da escrita como instrumento de civilização, cabendo aos Fenícios e aos Semitas a grande inovação da escrita alfabética.

Temos assim reconhecida uma civilização em que a escrita e os meios materiais para a sua circulação dominam como instrumentos de informação, de conhecimento e de inovação. Alexandria aparece, comparativamente, como uma espécie de Silicon Valley, de onde emanam o “software”, os sistemas operativos ou os motores de busca, identificando-se como ponto de partida de um produto-marca de consumo e difusão

mencione o valor dos recursos egípcios para o aprovisionamento dos soldados em campanha nas fronteiras leste do Império, face à gravidade da ameaça.

universal, concentrado num lugar específico do nosso mundo global, de forma quase monopolista. Daí a sua importância estratégica e a sua força na civilização mediterrânea do império romano.

3. Alexandria é uma cidade de vibrante e diversa ciência

No cap. 34, o Egito é apresentado como um lugar de filósofos e de teorias variadas “*omnem gentem philosophorum; omnem doctrinam*”, numa formulação linguística que, quanto a nós, recorre na valorização da diversidade. Este pluralismo do conhecimento em Alexandria beneficia de um ambiente cosmopolita, tolerante e cooperador nas suas diferenças, respeitando a especificidade e a complementaridade dos campos científicos. Assim, no final do cap. 34, se reconhece que o Egito atrai para nele morarem os melhores sábios e filósofos (são melhores à partida, ou tornam-se melhores depois de estarem em Alexandria?), cuja excelência decorre da sua submissão à verdade (*non enim est ad eos ulla impostura*), dedicação à sua área específica de estudo (*quod pollicentur certe sciunt*), especialização e, diríamos, humildade no acolhimento das contribuições das outras ciências: *propter quod non omnes sciunt, sed quisque per suam disciplinam ornans perfecit negotia* (“porque todos não sabem tudo, mas cada um cumpriu a sua tarefa aperfeiçoando-se na sua disciplina”). Assim, continuando, no cap. 37, quando se elencam, à guisa de conclusão, as contradições da complexa Alexandria, aparece identificado como um valor positivo o facto de na cidade haver “muitos géneros de filósofos” (*in qua inuenitur plurima genera philosophorum*). Uma das ciências é especificamente mencionada, a da Medicina. A esta cidade Esculápio quis dar a arte da medicina, e graças a esta dádiva Alexandria envia médicos excelentes para todo o mundo¹¹.

Constate-se, nesta apresentação da Alexandria como cidade do conhecimento e da ciência, o peso das narrativas histórico-mítica das

¹¹ Amiano Marcelino, *Res Gestae* 22,10, 18: a excelência da medicina egípcia leva a que os seus profissionais sejam reconhecidos pela sua competência em toda a parte, bastando dizer que “estudaram em Alexandria” para serem de confiança.

origens que explicam o perfil da Alexandria que se apresenta aos olhos do Autor. Os Egípcios, ou talvez Mercúrio, inventaram a escrita (cap. 34). O Museu em Alexandria, referido três vezes (cap. 35), explica-se porque, na escolha do local para a sua fundação, se fez um concurso, tendo sido ganho pelos Egípcios, porque eram *argutiores et perfectiores*; por fim, no cap. 36, se refere que Esculápio, o deus da medicina, escolheu expressamente Alexandria para lhe entregar a arte da medicina (*dare ei uoluit medicinae peritiam*). Nos dois últimos casos, está inerente uma lógica de seleção, ou escolha por comparação, cujo resultado pende a favor do Egito. A dado momento, pois, a qualidade científica do Egito favoreceu que a escolha entre lugares excelentes para a ciência pendesse a favor de Alexandria. Questionaríamos se a lógica que no discurso explícito se concentra no resultado (isto é, o Museu e a ciência médica estão em Alexandria porque ela tem qualidades definidas historicamente) não poderia, implicitamente, indiciar uma lógica de causa (ou seja, é por se ter criado um Museu e uma escola de medicina que a ciência se desenvolveu no Egito), causalidade esta que nos surge claramente preterida pelo Autor. O efeito desta opção é o de reforçar a imagem de Alexandria e do Egito como lugares milenarmente preparados para o acolhimento da ciência. Portanto, esta cidade concentrou e atraiu os espíritos mais exigentes, agindo depois um efeito multiplicador: Alexandria é grande porque tem ciência; tem ciência porque é grande. Ou seja, conhecimento atrai conhecimento, riqueza atrai riqueza, prosperidade atrai prosperidade...

61

4. Alexandria é uma cidade religiosa, ainda habitada pelos deuses

Seguindo esta composição recorrente, logo no cap. 34 se menciona que o Egito celebra deste a Antiguidade o culto dos deuses, tendo-o divulgado por todo o mundo civilizado. O autor atesta mesmo, contrapondo à opinião maioritária acerca da primeira excelência do culto aos deuses entre os Caldeus, que o que observou o maravilhou e lhe

bastou para confirmar que os egípcios são os exímios na piedade (*cultos ... tamen quos uidimus miramur et in omnibus primos esse dicimus*). Seguindo um raciocínio demonstrativo, sabe que os deuses aí habitaram, ou ainda aí habitam (*deos habitasse aut et habitare*). No final do cap. 35, a propósito do perfil religioso de Alexandria, se repete que aí se presta culto aos deuses de modo grandioso, referindo o *Serapeum* como um edifício espetacular, único no mundo na sua disposição (*aedificium tale aut dispositivo templi*), associado à vitalidade do culto (*religio talis*), o que não deixa de ser curioso, uma vez que o templo foi encerrado ao público por Constantino em 325. O vago e genérico modo de descrever o *Serapeum* acentua, pensamos, o seu tamanho e a sua singularidade arquitetónica, que o tornam, por si só, um espaço espetacular. Estas singularidade e grandeza reforçam-se pela referência à sua contiguidade com o Museu de Alexandria, cuja Biblioteca teria sido fundada no complexo arquitetónico do *Serapeum*. No final do cap. 36 se repete a menção à vitalidade do culto aos deuses, convertido, como em mais nenhum outro lugar, numa real ocupação do espaço público urbano com os edifícios e na mobilização de agentes humanos, sacerdotes, ministros e serviçais, para as funções religiosas (*et sunt sacra omnia templa omnibus ornata; aeditimi enim, et sacerdotes et ministri et aruspices et adoratores et diuini optime abundant*). À exceção de Serápis¹², os cultos religiosos não são discriminados, mas, segundo o autor, decorrem de forma ordeira (*fit omnia ordine*), cumprindo-se os rituais indicados tão

¹² Amiano Marcelino, *Res Gestae* 22,16,12: o Egito possui templos grandiosos, mas nenhum supera o Serapeum, pois que, em magnificência, só o Capitólio romano se lhe compara *His accedunt altis sufflata fastigiis templa. Inter quae eminent Serapeum, quod licet minuat exilitate verborum, atriis tamen columnariis amplissimis et spirantibus signorum figmentis et reliqua operum multitudine ita est exornatum, ut post Capitolium, quo se venerabilis Roma in aeternum attollit, nihil orbis terrarum ambitiosius cernat.* (trad. nossa) Templos magníficos altos na sua eminência adornam a cidade, entre os quais sobressai o Serapeum que, com o uso de poucas palavras, contudo, pode sair diminuído. Os pórticos, as colunatas longuíssimas, estátuas de cortar a respiração e a restante multiplicidade de obras ornamentam-no de tal ordem que, à parte o Capitólio, que representa o orgulho de Roma para a eternidade, nada se distingue no mundo inteiro de mais ambicioso.

vagamente que não nos permitem identificar especificamente nenhum culto. Os altares acesos, o lume dos sacrifícios, o incenso, os aromas dos cultos religiosos de fundo sacrificial, são geridos num espaço e por agentes ordeiramente designados para tal.

5. Alexandria é uma cidade politicamente instável

Sobreviveram muitos testemunhos da literatura clássica e tardia latinas acerca de Alexandria, das suas maravilhas e das suas contradições, a ponto de podermos dizer que o engenho e a irascibilidade dos Egípcios se tornara um estereótipo na caracterização de um povo¹³.

O cap. 7 introduz um pouco de escuro nestas claras águas com que Alexandria é descrita. É uma cidade que se impõe aos que a governam (*ciuitatem bene regentem*). Os *iudices* que aí entram fazem-no ‘com temor e tremor’ pois receiam a justiça popular, que lança pedras e tochas quando está descontente. E, por isso, diz o autor lapidarmente, é em tudo uma cidade e uma região incompreensível (*in omnibus ciuitas et*

¹³ Pimentel M.C. 2013: 48-61. Destaque-se Amiano Marcelino, historiador que descreve Alexandria nos mesmos anos da *Expositio*, e cujo discurso parece corroborar, para além de uma vaga caracterização de um lugar comum, a informação da *Expositio*. *Res Gestae*, 22, 16, 15: *internisque seditionibus diu aspere fatigata, ad ultimum multis post annis Aureliano imperium agente, civilibus iurgiis ad certamina interneciuia prolapsis dirutisque moenibus amisit regionis maximam partem, quae Bruchion appellabatur, diuturnum praestantium hominum domicilium*. “Duramente castigada por contínuos conflitos, internos que, depois de muitos anos, sob o reinado de Aureliano, ganhado o caráter de guerra civil e de extermínio e derrubadas as suas muralhas, a cidade perdeu a parte mais importante do seu território, chamada de Bruchion después de muchos años, bajo el reinado de Aureliano, tomaron el carácter de guerra civil y de exterminio. Este príncipe derribó sus murallas, y la ciudad perdió la parte más importante de su territorio, domicilio de homens eminentes... 22, 16, 23: descreve fisicamente os Egípcios, acrescentando, quanto ao caráter: *gracilenti et aridi, ad singulos motus excandescentes, controuersi et reposcenes acerrimi. Erubescit apud eos siqui non infitiando tributa plurimas in corpore uibices ostendat. Et nulla tormentorum uis inueniri adhuc potuit, quae obdurato illius tractus latroni inuito elicere potuit, ut nomen proprium dicat*; “delgados e secos, rápidos em cada movimento, controversos e acérrimos defensores das suas posições. Entre eles é vergonha ter cedido ao pagamento dos tributos e não ostentar no corpo muitas cicatrizes de chicotadas. E não se podem encontrar torturas que obriguem esse obstinado ladrão a confessar o seu nome se este não o quiser dizer.”

regio incomprehensibilis), com tantas qualidades, mas com uma sociedade instável e tendente às rebeliões. Nas poucas e gerais palavras do texto, perpassam mensagens que vão ao encontro do que sabemos, por outras fontes, caracterizar o estado político do Egito: assim, os seus administradores, os seus *iudices*, ‘entram’ na cidade. Ou seja, a autoridade política máxima, no Egito, é imposta por Roma. Província romana desde a Batalha de Áccio, manteve-se governada por um *praefectus Aegypti*, que exercia autoridade por delegação do Imperador em mandatos de três a quatro anos. Os recursos do Egito eram demasiado preciosos para estarem nas mãos de potenciais opositores ao poder autocrático do *princeps*, como eram os membros aristocratas do Senado. Notícias de sublevações populares no Egito, motivadas pela contestação ao repressor sistema fiscal imposto ao Egito e ao controlo das suas exportações de trigo, fizeram-se sentir nos principados de Marco Aurélio, Antonino, Sétimo Severo¹⁴.

64

A bem sucedida repressão militar dos Romanos gerava, localmente, usurpadores (p. e. Avídio Cássio governador da Síria e general atuante nas revoltas de camponeses no Baixo Egito, durante o principado de Marco Aurélio; Pescênio Níger, com funções administrativas no Egito; no principado de Sétimo Severo, Mússio Emiliano, prefeito augustal do Egito no principado de Galieno¹⁵. No séc. III, a endémica contestação ao exercício do poder romano no Egito ganha outro tom, com a emergência de uma população, entre urbanos e rurais, maioritariamente cristã. Por isso, a perseguição aos cristãos conduzida por Décio, Valeriano, Diocleciano e Galério, entre o séc. III e inícios do IV, atingiu proporções gravíssimas, pois este era o território do Império em que a nova religião mais se tinha propagado. No séc. IV, a administração do Egito sofre nova reforma graças a Diocleciano, com vista a uma melhor exploração económica e fiscal dos recursos e dos impostos sobre a terra, controlo

¹⁴ Bryen 2013: 33-35.

¹⁵ Díon Cássio, *Historia Romana* 72, 3, 1.

político e militar do território, que obtêm resultados positivos, à custa, da percepção, por parte dos locais, de uma pesada ingerência do exterior e das capitais provinciais do Oriente (Antioquia, Constantinopla) de onde partiam os administradores, *duces, praefecti, praeses* e, mais tarde, já com Constantino, os *episcopi*¹⁶. A instabilidade e a violência eram, também por esta via, marcas do Egito na Antiguidade Tardia, mas tenhamos em conta que a *Expositio* não considera, surpreendentemente, a conflitualidade religiosa para a caracterização da surpreendente Alexandria¹⁷. Amiano Marcelino¹⁸, no entanto, corrobora, num registo mais específico, os factos que podem estar na base desta atitude de rebelião da população de Alexandria, acontecimentos na memória recente, ou contemporâneos do período de redação da *Expositio*, os meados do séc. IV: o *notarius* Gaudêncio e o *vicarius* Juliano, homens de mão do Imperador Constâncio em África, assim como Artémio, *dux* do Egito; e também “o filho de Marcelo”, *magister* da infantaria e da cavalaria, foram executados, o terceiro após as denúncias dos cidadãos de Alexandria, o quarto por aspirar ao “controlo do Império”. Romano e Vicêncio, tribunos do primeiro e segundo batalhão de *Scutarii*, foram exilados, por suspeitas de rebelião. Ao saber da morte do odioso Artémio, o povo de Alexandria dirige a sua raiva contra o bispo Jorge, um estrangeiro de origens humildes nascido na Cilícia, ariano imposto a Alexandria por Constâncio II contra quem o povo acumulava azedume.

65

¹⁶ Bagnall 1993: 63-67. Os bispos mantêm-se por largos períodos essencialmente aclamados pelas suas comunidades, mas nas grandes cidades, e devido à conflitualidade religiosa tornada assunto de Estado a partir do Concílio de Niceia (325 d.C.), com Constantino, impor ou depor bispos integrou a estratégia de gestão política e religiosa da dinastia constantiniana. Alexandria foi a cidade de maior ingerência externa quanto à nomeação da sua *episcopia*, sendo claro, na argumentação para a imposição, deposição e reposição das figuras episcopais, razões de Estado, de foro político e económico. (Barnes 2001: 94; 152-164).

¹⁷ Bagnall 1993: 63, acerca da opinião generalizada de um Egito conflituoso: «...nor is it easy to decide if Roman Egypt was a lawless or violent society, as upper-class Romans who had never been there seem to have thought».

¹⁸ *Res Gestae*, 22,11, 1-11.

Foram linchados pela população não só o Bispo, mas também Dracônio “*praepositus monetae*” o tesoureiro e o conde Diodoro. Ao invés de um castigo exemplar, o imperador Constâncio limita-se a enviar uma carta (Ep. 10) ao povo de Alexandria reprovando os atos passados e impondo um comportamento futuro de justiça e de lei, sob ameaça de uma vingança reparatória. Dos episódios assim descritos ressalta uma generalizada contestação dos cargos e das figuras de autoridade por parte dos Alexandrinos, nomeadamente dos que eram percebidos como “impostos” pela autoridade política imperial e, neste sentido, colaboradores com a autoridade central. Vejamos as acusações levantadas às vítimas, para percebermos o alcance da contestação: o bispo Jorge, esquecido da sua profissão (*professionisque suae oblitus*), agia como um informador (22, 11, 5)¹⁹ dos ouvidos de Constâncio, entregando-lhe os nomes dos seus opositores na cidade; (22, 11, 6) também aconselhou Constâncio a tornar os monumentos construídos a expensas públicas no tempo de Alexandre (i.e. pagãos, num período em que as edificações públicas cristãs eram isentadas do pagamento de impostos), fonte de emolumentos para o tesouro imperial. Por fim, (22, 11, 7) foi ouvido publicamente a ameaçar de ruína o belíssimo templo de Génio (divindade pagã) chamando-o de “sepulcro”.

Segundo a mesma fonte, já em Constantinopla, também Juliano, após a morte de Constâncio, sentiu a pressão dos Alexandrinos²⁰, “Ao

¹⁹ Amiano Marcelino não era cristão e, na sua redação, percebe-se que ele não simpatiza com a figura de Jorge. É significativo que ele identifique o Bispo como alguém esquecido da sua profissão, ou seja, alguém que é contestado não pela religião, mas pela sua ação enquanto agente político da autoridade imperial. Jorge da Capadócia foi Bispo em Alexandria em 349 (Sozomeno, *Historia Ecclesiastica* 4.8.4), ou em 357, segundo outras fontes (*Historia Acephala* 5). Foi por sua vez sucedido pelo mesmo Atanásio em 359, em ambiente de grande agitação popular. É capturado em 361 e linchado pela população em 362, sob acusações de cupidez e apropriação de tesouros e do monopólio da produção do papiro e de sal (Epifânio de Salamina, *Aduersus Haereses* 76).

²⁰ *Res Gestae* 22, 6 1-2: *Per hoc idem tempus rumoribus excitati uariis Aegyptii uenere conplures, genus hominum controuersum et adsuetudine perplexius litigandi semper laetissimum, maximeque audidum multiplicatum repossere, si compulsori quicquam dederit, ut leuari debito*

mesmo tempo, espicaçados por súbitos rumores, acorreram vários egípcios, raça de homens conflituosos e por costume tirando sempre muito prazer em litigâncias tortuosas, e especialmente determinados em obter indenizações se pagaram algo a um coletor de dívidas, seja com a finalidade de serem libertados da dívida ou de qualquer obrigação, para recuperar o que lhes foi tirado por meio de dilações; ou ferozes em atacar homens ricos com a extorção e em ameaçá-los com a justiça” Ou seja, novamente Amiano Marcelino dá voz ao lugar comum de os Alexandrinos serem pessoas conflituosas e aguerridas.

Conclusão

É muito interessante, quanto a nós, observar como os critérios de qualificação de uma cidade pouco mudaram: uma cidade é, fundamentalmente, um centro de concentração e de redistribuição de recursos, o que Alexandria faz de modo exímio. Nela se reúnem as riquezas agrícolas produzidas no Egito e os produtos vindos da Ásia que, graças ao comércio marítimo organizado, se espalham pelas cidades romanas do Mediterrâneo. É também um centro de recursos humanos: a ela acorrem os intelectuais e os que querem aprender, partilhando os seus saberes e fazendo-os florescer. Uma cidade instrumentaliza a comunicação verbal e requer a segurança de uma burocracia, um suporte válido para os atos oficiais que relacionam os cidadãos entre si, ou que relacionam os cidadãos e as instituições. Por isso, o papiro é fundamental na cidade e, generosa como é, partilha-o como bem precioso das comunidades urbanas complexas. Uma cidade concentra lugares de representação da memória das comunidades; da identidade imaterial; das referên-

67

possit, uel certe commodius per dilationem inferre, quae flagitantur, aut criminis uitandi formidine, diuites pecuniarum repetundarum interrogare. Reclama esta embaixada a devolução dos pagamentos que haviam feito, segundo eles indevidamente, dos últimos setenta anos. O novo Imperador dá-lhes uma resposta evasiva, mas quase imediatamente responde com a proibição, dirigida a todos os barcos que partissem de ou aportassem a Alexandria, de transportar qualquer alexandrino. Na prática, temos um boicote à circulação dos cidadãos de Alexandria pelo Império.

cias espirituais: por isso Alexandria abunda em monumentos, templos, altares que reverenciam os deuses.

Mas uma cidade cosmopolita e multicultural como Alexandria apresenta algumas surpresas e inquietantes questões: por um lado, o caráter temperamental dos seus cidadãos, avaliação que constituiu um lugar-comum na caracterização dos Alexandrinos. A pesar o testemunho de Amiano Marcelino, que narrou os acontecimentos que teriam sido contemporâneos ao da época de composição da *Expositio*, os anos entre 355 e 362 teriam sido mais agitados do que o costume no dia a dia de Alexandria. Não que o ajuste de contas ocorrido em Alexandria no interregno da crise de poder entre César Juliano, aclamado Augusto, e o imperador vigente Constâncio II, fosse importante para o compositor da *Expositio*. Bastavam-lhe os factos do séc. III e primeira metade do séc. IV para Alexandria emergir como uma cidade contestatária da autoridade imperial. Mas colocamos a hipótese de a “limpeza de titulares de cargos públicos”, associada às sonoras aclamações, deposições, fugas e retorno de Atanásio de Alexandria, figura carismática do Egito no período constantiniano, tenham deixado uma intensa memória acerca da conflitualidade nesta cidade e da contestação endêmica face às autoridades imperiais.

No entanto, se assim for, por que razão a *Expositio* se restringe a uma opinião generalista, não específica, ou omite mesmo um dos principais focos de conflito e violência urbana, que era o fator religioso, nomeadamente a presença de um cristianismo legal após Constantino, o mais evidente em todo o Império?

A obra em causa, prestando um maior detalhe ao Oriente, paradoxalmente, ignora em absoluto a presença de fiéis, autoridades, propriedade e templos cristãos, pelo que Alexandria não é uma exceção. Sendo o autor alguém não cristão, dedicado à atividade económica e comercial, interessam-lhe as provisões, os produtos, as mercadorias necessárias para a sua atividade. Dos homens, valoriza as suas competências, o que podem ou sabem fazer, o que pode também ser convertido em

bens transacionáveis. Do restante, atrevermo-nos-íamos a dizer que lhe interessará na medida em que pode tornar-se um obstáculo, ou um condicionamento da estabilidade necessárias à livre circulação de pessoas e de bens que interessam a um homem de negócios. A instabilidade institucional e a violência tornam difícil de perceber uma cidade tão cumulada de bens como Alexandria. Poderá, portanto, haver, da parte do A. da *Expositio*, uma focalização em aspetos da vida urbana que não contemplam, ou tornam difíceis de ver, a presença específica do cristianismo em Alexandria, presumindo mesmo que o possa incluir na genérica piedade no culto aos deuses que os Alexandrinos evidenciam.

Há uma outro tópico que merece ser seguido quanto avaliamos a qualidade da informação acerca da “real Alexandria”, que tem a ver com o tempo que mediou entre a observação da cidade (e das outras cidades) e o tempo de redação da *Expositio*. Provavelmente mercador, conheceu os lugares que visitou, na sua atividade. Neles ficaria alguns dias, observando e fixando interesses, especificidades e alguns aspetos exemplares, símbolos da cidade. E, por isso, a Alexandria do belo *Serapeum*, dos altares a arder de incenso e de homens piedosos, com uma história ancestral, é o que se fixa na retina, lugares comuns que circulam no ouvir dizer entre homens que exercem o mesmo ofício. Mais tarde, organiza o seu caderno de viagens e de memórias, de ver e de ouvir dizer. E esse período de composição coincide já com os conturbados anos do César Juliano, depois Augusto proclamado pelos seus soldados no Ocidente, e de Constâncio II numa luta feroz contra o Império Parta, período em que Alexandria assistiu a uma violenta contestação das autoridades enviadas pelo Imperador moribundo Constâncio II, episódio que teria sido conhecido pelas cidades imperiais, uma vez que até obrigaram Juliano a reagir com uma carta ao povo de Alexandria. Seria difícil, pensamos, nesta Alexandria posterior a 355, observar os altares, os templos e os sacerdotes de todos os deuses em paz, a officiar em paz, em ambiente de pluralidade religiosa, uma vez que os filhos de Constantino foram mais vigorosos do que o Pai na repressão da atividade religiosa

não cristã. Mas o A. da *Expositio* já não estaria lá para ver o apagamento dos altares, colando à memória visual ou auditiva de uma cidade de antigamente os factos recentemente acontecidos e, no seu modo de ver, difíceis de compreender.

BIBLIOGRAFIA

Bagnall, R. (1993) *Egypt in Late Antiquity*, Princeton: 149-172.

Bryen, A (2013) *Violence in Roman Egypt. A Study in Legal Interpretation*, Philadelphia: 26-50.

70

Grüll, T. (2014) “*Expositio totius mundi et gentium*. A peculiar work on the commerce of [the] Roman Empire from the mid-fourth century - compiled by a Syrian textile dealer?” in Csabai, Z. *Studies in Economic and Social History of the Ancient Near East in Memory of Péter Vargyas*. Department of Ancient History, University of Pécs & L’Harmattan, Budapest.

Klotz A. (1910) “ ‘Οδοιπορία ἀπὸ Ἐδῆμ τοῦ παραδείσου ἄχρι τῶν Ῥωμαίων ”, *RhM* 65: 606-616.

Klotz, A.(1906) “Über die *Expositio Totius Mundi*”, *Philologus*, 14: 97-127.

Lumbroso G. (1903) *Expositio totius mundi et gentium*, Roma: Typographia della R. Accademia dei Lincei.

Marasco, G. (1996) “*L’Expositio totius mundi et gentium* - e la politica religiosa di Costanzo II”, *Ancient Society* 27:1 83-203.

Martelli, F. (1982. *Introduzione alla «Expositio totius mundi»*. *Analisi etnografica e tematiche politiche in un’opera anonima del IV secolo*. Bologna.

Mercati A. (1911) “Description du manuscrit du Vatican de l’ ‘Οδοιπορία”, *RhM* 66, Frankfurt: 160.

- Mittag, P. F. (2006) “Zu den Quellen der *Expositio Totius Mundi et Gentium*. Ein neuer Periplus?”, *Hermes* 134: 338-351.
- Müller C., (1861) “Anonimis Orbis Descriptio”, *Geographi Graeci Minores*, Paris, t. II: 515-528 (disponível no Google Books https://books.google.pt/books?id=irfMbjG4ESUC&pg=PP1&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false).
- Pimentel M.C. (2013) “Representations of Alexandria in classical latin literature”, in Sousa R. et al. *Alexandrea ad Aegyptum The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Porto: 48-61.
- Riese A. (1878) *Geographi Latini Minores*, Heilbronn, t. I: 104-126. (disponível no Google Books <https://archive.org/details/geographilatinii00riesgoog>).
- Rougé Jean (1966) *Expositio totius mundi et gentium*, introduction, ed. crit. et trad., SC, Éditions du Cerf: 135-137.
- Sinko th. (1904) *Die Descriptio Orbis Terrae*, Archiv für lateinische Lexikographie und Grammatik, t. XIII, Leipzig.
- Vassiliev A. (1936) “*Expositio totius mundi*. An anonymous geographic treatise of the fourth century A.D.”, *Seminarium Kondakovianum*, t. VIII, Prague: 1-39.
- Woodman J.E. (1964) *The Expositio Totius Mundi et Gentium: its Geography and its Language* (Master degree thesis), Ohio State University: III-VIII.